

MIS passa em revista a arte de Geraldo de Barros

O artista gráfico, que morreu em abril, tem 50 obras suas expostas, a partir de hoje

ANA WEISS

Especial para o Estado

A exposição que o Museu da Imagem e do Som (MIS), na Avenida Europa, 158, inaugura hoje reafirma a importância da trajetória do artista gráfico Geraldo de Barros, morto em abril, na história recente da arte brasileira.

A homenagem destaca, além da vocação precursora da obra de um dos primeiros fotógrafos abstratos do concretismo brasileiro, a versatilidade de suas incursões pelas diferentes correntes estéticas e linguagens que ele anunciou desde os seus primeiros rabiscos em negativos de fotos no início dos anos 40.

A célebre série de imagens conhecidas como *Fotoformas*, que o artista multimeios produziu entre as décadas de 40 e 50, são os mais bem representados trabalhos da mostra. Pertencentes ao acervo do museu, os 31 retratos são, para o organizador, um atestado da falta de reconhecimento do Brasil por seus artistas. "*Fotoformas* só recebeu o devido valor artístico meio século depois de sua produção, quando Barros já estava no fim da vida", diz o organizador da exposição, Fausto Chermont.

Retribuição póstuma – Para ele, o destaque das obras experimentais e revolucionárias para a época – editadas há quatro anos pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo em catálogo homônimo – é uma espécie de retribuição póstuma ao artista. "O museu conta hoje com cerca de cem trabalhos de Geraldo de Barros", orgulha-se Chermont. "Este era o seu museu preferido."

A mostra é um recorte de metade das obras do MIS, que acaba de receber da família do artista plástico uma doação de outros dois trabalhos realizados por ele no fim da vida. "São releituras gráficas dos primórdios de *Fotoformas*, em formato de objetos", conta Chermont, que acompanhou de perto as últimas produções do fundador do Grupo Ruptura, um dos propulsores da produção concretista nacional.

A homenagem preocupa-se, entretanto, com tudo o que ocorreu entre as primeiras fotos de laboratório e a retomada do tema no início da década de 90, quando o artista já havia passado pela quarta isquemia cerebral. "Dispusemos as criações respeitando momentos estéticos pontuais da trajetória de Barros", explica o organizador.

Assim, catálogos de móveis que o também designer projetou na década de 80 para a sua loja *Hobjeto*, podem ser vistos depois de percorrer-se o espaço reservado para os periódicos que Barros assinou com Wesley Duke Lee e Nelson Leirner em 1966, quando juntos formavam o Grupo Rex Time, responsável pelos primeiros happenings paulistanos.

Menos conhecidas, as criações de sua fase pop, tais como murais de óleo sobre papel com personagens de comédias pastelão do cinema, também fazem parte da exposição. "Abrangendo todas as fases da obra vanguardista, a exposição consegue percorrer também a evolução das artes plásticas e gráficas nos últimos 60 anos", acredita Cher-



Registro realizado em 1948 por Geraldo de Barros: um dos precursores da fotografia experimental, o artista era avesso ao uso das cores



Auto-Retrato: registro da série 'Fotoformas' participa da exposição

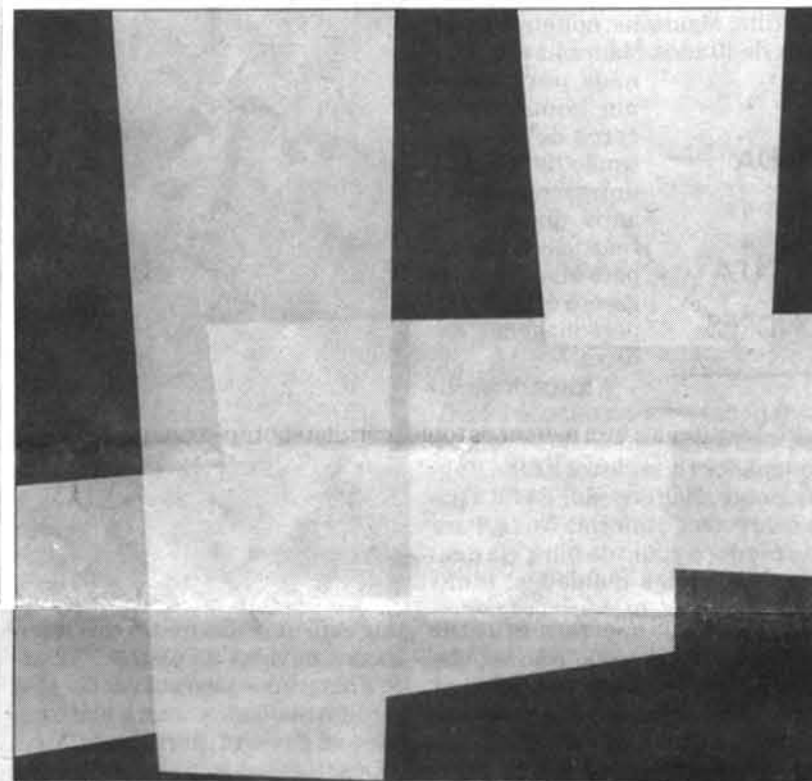


Foto de 1950: ele criou imagens abstratas a partir de uma Rolleyflex

mont. "Por isso, apresento essa mostra como uma homenagem didática."

As peças do autor de imagens que apontaram caminhos para a fotografia conceitual no Brasil (algumas feitas com uma Rolleyflex modelo 1939) são do tipo que não esgotam o interesse pelo resultado estético. "Cada criação revela uma pesquisa de construção tão sofisticada para os anos 40 como para agora", lembra o organizador.

Uma das testemunhas das últimas empreitadas do fotógrafo avesso ao uso da cor, Chermont acabou por envolver-se na pré-produção de um filme sobre a trajetória do artis-

ta. "A fita tem participação da família e será mostrada este ano na Suíça", adianta. Segundo ele, o lançamento no Brasil ainda não tem data prevista e está sendo disputado pelo MIS e pelo Instituto Itaú Cultural.

As imagens do filme incluem registros dos últimos anos de Geraldo de Barros. "Além da trajetória e do cotidiano, as cenas mostrarão os processos criativos do artista, uma das coisas mais impressionantes do seu trabalho." Ainda sem nome, a fita mostra, por exemplo, o artista desenvolvendo seus últimos objetos, peças em fórmica recortadas ou bipartidas como o efeito físico de uma isquemia cerebral.

Família garante preservação do legado artístico

Trabalho é coordenado por Fabiana de Barros, que segue a carreira do pai

ANGÉLICA DE MORAES

O legado artístico de Geraldo de Barros está em plena expansão, deixando ainda mais marcado seu papel de protagonista na história da arte brasileira. Um cuidadoso trabalho de pesquisa, catalogação, restauro, curadoria e divulgação da obra desse criador em múltiplos meios vem sendo coordenado pela família do artista. Um de seus corolários é a atual mostra no MIS.

Entre os principais resultados dessa pesquisa em andamento está a recuperação de 260 negativos originais que abrangem o período de 1946 a 1951. Essa é a época da famosa série *Fotoformas*, exemplo maior do pioneirismo de Barros no campo da experimentação fotográfica.

Foram exatamente esses originais – encontrados em caixa esquecida no fundo de um armário de Geraldo – que abriram caminho para uma exposição na Suíça, em 1987. Ela demarcaria o início de uma série de mostras europeias que vão atingir seu ponto mais alto em 1999. Nesse ano, como resultado do trabalho conjunto do Musée de l'Elysée (Lausanne, Suíça) com o Museu Ludwig (Colônia, Alemanha), será aberta a primeira retrospectiva interna nacional do brasileiro.

Para julho de 1999 está programada uma exposição itinerante que será inaugurada no Kunstmuseum de Wolfsburg (Alemanha) e depois será vista no Museu Reina Sofia (Madri, Espanha).

Coordenado pela artista plástica Fabiana de Barros, uma das duas filhas de Geraldo (que também é pai da poeta e artista gráfica Lenora), o trabalho de preservação e divulgação do artista tem contornos museológicos. Belo exemplo para tantas famílias de artistas de trajetória importante que – por ignorância ou cobiça – destroem o que não pertence apenas à dimensão doméstica, mas também ao patrimônio cultural de um país.